

CAMINHOS QUE LEVAM À DOCÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO DO EDUCADOR ANTES, DURANTE E APÓS A GRADUAÇÃO

Georges Pereira Dias¹

Gregório Durlo Grisa²

RESUMO

Esta pesquisa surgiu de inquietações sobre a contribuição da trajetória de vida na formação de um docente. A pesquisa foi embasada no método autobiográfico em que aspectos da história de vida são utilizados como fonte de pesquisa e apontam para sua contribuição para a formação docente. Nesse sentido, este trabalho busca fazer uma reflexão sobre a formação docente a partir de relatos pessoais de situações vividas na infância e na adolescência, ligados ao trabalho e escolarização desde a EJA até o curso de licenciatura em Pedagogia. Por isso, após a análise de referencial teórico sobre a trajetória de vida, faço uma reflexão sobre essas memórias para dialogar com o método pesquisado e a formação docente. O referencial teórico passa por Pedagogia da Autonomia e Leitura de Mundo (FREIRE, 1996; 1989), Memória Coletiva (HALBWACH, 1990), Saberes profissionais dos professores (TARDIF, 2000); O Método Autobiográfico (NÓVOA; FINGER, 2014), entre outros. A pesquisa apontou que o método autobiográfico ainda busca afirmação, mas se mostra relevante no que se refere ao seu potencial na produção de sentidos e reflexões no campo da educação e da formação docente. O recorte autobiográfico se mostra interessante de forma mais pontual no nível da formação continuada.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; Trajetória de vida; Escrita autobiográfica; Memória.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa partiu da inquietação sobre as contribuições e qual a importância da trajetória de vida e experiências ligadas ao trabalho para a formação docente. Ele surgiu a partir da minha trajetória na graduação em Pedagogia no Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul, Campus Bento Gonçalves ao me deparar com toda uma gama de referenciais, concepções, etc. que debatem e defendem como as histórias de vida estão ligadas e contribuem para a formação do sujeito, em especial a educação, em que pensadores como Freire (1996) evidenciam o diálogo e relação estreita que deve haver entre os saberes popular e saber científico nesse processo

¹ IFRS Campus Bento Gonçalves, curso de Licenciatura em Pedagogia. E-mail: georgespdias@gmail.com.

² Professor orientador. Docente no curso de Pedagogia do IFRS Campus Bento Gonçalves. E-mail: gregorio.grisa@bento.ifrs.edu.br

formativo para a formação plena – no âmbito profissional, social, cultural, etc. Esse período da graduação me fez perceber e reconhecer a riqueza do saber empírico como algo que concretiza esses debates acadêmicos e saberes científicos e que estão intrínsecos em minha trajetória docente passando pelo meu processo de escolarização na EJA e trabalho. A partir disso este trabalho objetiva analisar de que forma as experiências ligadas ao trabalho e a escolarização contribuem para a formação do profissional docente

Nesse sentido, este trabalho partiu de uma investigação de como a trajetória de vida ou algumas experiências pessoais ligadas ao processo de escolarização e trabalho contribuem para a formação docente antes, durante e mesmo após o período de graduação. A universidade se constitui como parte muito importante nesse processo, lugar em que a base acadêmica de ensino, pesquisa e extensão proporcionam aos educandos os conhecimentos, habilidades, competências e experiências da docência, onde o educador se prepara para atuar na sociedade. Contudo, essa formação deve levar em conta os conhecimentos prévios dos discentes, assim como defende Freire (1996) em sua pedagogia disruptiva, ou seja, as experiências de vida podem ser usadas para contextualizar os conhecimentos teóricos e empíricos, traduzidos ou somados aos chamados saberes científicos. Ressalto também que essa formação não se limita a estes aspectos, pois a formação continuada e a necessidade de políticas públicas que favoreçam o processo educativo também fazem parte desse contexto.

Assim, este artigo propõe uma reflexão acerca da trajetória de vida como um dos elementos que constituem a formação docente. A partir de aspectos da metodologia de pesquisa autobiográfica, busquei analisar de que forma as experiências ligadas ao trabalho e a escolarização contribuem para a formação do profissional docente, e assim, relatei aspectos da minha trajetória de vida à minha formação docente como modo de reconhecer que as experiências de vida ligadas ao trabalho e escolarização podem contribuir com essa formação. Por isso, a partir de um olhar um pouco mais subjetivo, me desafiei em ativar memórias da minha trajetória de vida para dialogar com a pesquisa autobiográfica de modo a reconhecer a trajetória de vida como parte constituinte da formação docente, considerando saberes

empíricos e aprendizagens desenvolvidas na infância, na adolescência, na EJA e até a graduação em Pedagogia.

Os caminhos traçados na pesquisa me levaram ao reconhecimento da metodologia de pesquisa biográfica ou escrita autobiográfica, em que aspectos da história de vida são utilizados como fonte de pesquisa. Através dessa metodologia de pesquisa pude fazer uma reflexão sobre experiências da minha vida que me levaram até Pedagogia e constatar que muito antes de ingressar no ensino superior eu já havia passado por situações na infância e na adolescência que foram somadas a toda gama de estudos ao longo dos anos na graduação. Além de Freire (1989; 1996), a pesquisa também se embasa teoricamente em Halbwach (1990) com seus estudos sobre a memória; Nóvoa e Finger (2014) sobre o método autobiográfico; Tardif (2000) sobre os saberes necessários à docência, entre outros.

2 ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA: A TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ELEMENTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Existem várias metodologias de pesquisa que subsidiam pesquisadores na construção acadêmica. Uma pouco conhecida, reconhecida e, de certa forma, em fase de aceitação, é o método autobiográfico. Ela se constitui numa abordagem qualitativa de pesquisa descritiva, só que em análise estão as narrativas pessoais ou estudos sobre autobiografia. Ela não é como um diário ou memorial, ela tem toda uma estrutura com embasamento científico, que traz em seu diferencial o uso de elementos mais subjetivos como forma de apontar e reconhecer que esses mesmos elementos estão vinculados a processos que são sociais a partir de nossa vivência em sociedade.

Nesse sentido, me permito fazer um paralelo entre a abordagem qualitativa de pesquisa, em que Silva (2005)

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, **um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números**. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. [...] É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA, 2005, p. 20, grifos meus).

Essa relação entre objetivo e subjetivo marca também a pesquisa

autobiográfica na medida em que reconheço que a trajetória de vida constitui um elemento de formação docente. Este trabalho não se configura como um artigo autobiográfico, mas utilizo aspectos do método como forma de narrar um processo que começou na infância e culmina na Pedagogia como forma de demonstrar como a minha trajetória de vida contribui com a minha formação docente.

2.1. A metodologia de pesquisa autobiográfica

De acordo com Finger (2014), a pesquisa autobiográfica é uma forma recente de escrita, mas que há todo um embasamento que defende sua base científica. “O método biográfico surge como resultado de considerações epistemológicas e teóricas e na perspectiva de pôr em prática processos de tomada de consciência, ou seja, processos que considero formadores para os adultos.” (FINGER, 2014, p. 112).

Paulo Freire (1996) apontava para algo chamado “curiosidade epistemológica”, em que a capacidade de aprender está vinculada à capacidade crítica de assimilar o que se aprendeu, é uma curiosidade que gera conhecimento de forma consciente dessa vontade de aprender. Podemos fazer uma relação da escrita autobiográfica como essa curiosidade epistemológica sobre si dentro de um contexto. Pois esse modelo de pesquisa precisa de um olhar bem objetivo em análise de situações subjetivas, mas que de acordo com Halbwach (1990) por sermos seres sociais, as memórias não pertencem a nós somente, mas a todos aqueles que de alguma forma as compõem.

Os trabalhos analisados nesta pesquisa (TEIXEIRA, 2003; BRANDÃO, 2008; PASSEGGI, 2011; CUNHA, 2017) consideram a escrita autobiográfica um elemento importante na formação docente, pois através dela ocorre o resgate de saberes construídos ao longo de sua trajetória de vida em prol da sua prática docente. Mas um fato interessante é que a maioria deles aponta estudos de caso ou narrativas de docentes em formação continuada e não necessariamente na sua formação inicial, ou seja, esses autores apontam para a prática docente como um dos caminhos que constrói o próprio docente para além de sua formação inicial.

As principais contribuições da escrita autobiográfica para o processo de

formação passam pelo resgate de memórias. Essas memórias somam a carga de saberes que acumulamos durante toda a nossa trajetória e que nos formam seres sociais. Elas devem ser subsídios em nossa educação desde a infância - basta lembrar da concepção de leitura de mundo de Freire (1989), até a formação docente no ensino superior - a própria escrita de Trabalho de Conclusão de Curso é um exercício de memória, pois resgatamos conceitos, aprendizados, conhecimentos acumulados durante a formação.

2.2. Trajetória de vida: Identidade e Memória

Trajetória de vida no âmbito da docência está sendo abordado aqui como todo o conjunto de experiências e vivências de uma pessoa capazes de contribuir na sua formação docente. Essas vivências vão desde as experiências com o mundo na infância e adolescência dada a capacidade de “leitura de mundo” (Freire, 1989), e podem passar o trabalho inspirador de uma professora na vida escolar, entre outras.

A questão é que a memória é um elemento muito importante na trajetória de vida como um dos aspectos que contribui para a formação docente: a lembrança de momentos pontuais, de pessoas, de lugares que marcam nossa vida de alguma forma e que só pelo fato de serem revisitadas também podem ser ressignificadas. Assim, a memória está ligada a identidade individual e ao mesmo tempo coletivo. Conforme aponta Brandão (2008):

as representações da memória autobiográfica, e sua relevância enquanto constitutiva das identidades dos indivíduos e dos grupos. Abordamos a memória autobiográfica em sua dimensão sócio-afetiva - individual e coletiva - e seu potencial na busca de sentidos das trajetórias, em um processo de (re) conhecimento e ressignificação, para a educação continuada e (auto) formação. (BRANDÃO, 2008, p. 5)

Então à primeira vista, as pesquisas autobiográficas sugerem muita subjetividade, que é apontado por Nóvoa (2014) como um dos desafios em sua aceitação do *status* de pesquisa científica. Contudo, olhar para a trajetória de vida não significa resumir ou tratar apenas da subjetividade de uma pessoa, pois de acordo com os estudos nessa linha de pesquisa (HALBWACHS, 1990; BRANDÃO, 2008; TEIXEIRA, 2003, entre outros), essas questões recaem sobre conceitos na

perspectiva individual, mas também em sua dimensão coletiva, social e cultural. Por isso, a trajetória de vida compreende o singular e o plural das pessoas e tudo o que se aprende nas relações sociais, conforme apontam Soares; Menezes; e Freire (2016)

Pesquisar sobre história de vida representa um ato desafiador e instigante. Ao investigar, resgatar, analisar documentos e narrativas, sistematizar e registrar vivências e trajetórias de uma pessoa ou de um grupo de pessoas em suas individualidades e subjetividades busca-se compreender o singular/plural (JOSSO, 2006) e um conjunto de experiências centradas no conhecimento pedagógico e escolar das aprendizagens experienciais e da formação construídas ao longo da vida. (SOARES; MENEZES; FREIRE, p. 432, 2016)

Por isso o reconhecimento na história oral como método de pesquisa é muito interessante e é reconhecido como um novo paradigma no processo formativo. Através dele é possível dar significado a nossa trajetória de vida como um fio condutor pela escolha da docência. Para tanto, exige muita reflexão e uma visita ao passado para relembrar momentos, lugares, pessoas, enfim, exige uma autocrítica das próprias experiências vividas - sejam elas boas ou ruins, mas que podem ser ressignificadas dada a tomada de consciência do seu caráter formativo (NÓVOA, 2014).

2.3. Ativando memórias: uma reflexão sobre a trajetória de vida, trabalho e a Pedagogia

A partir deste momento vou fazer uma viagem no tempo e reviver momentos, visitar lugares, rever e dialogar com pessoas que até pouco tempo não sabia que estavam me constituindo professor. É um exercício complicado, mas muito emocionante para mim, pois quando olho para o meu passado e reflito até o presente momento, aqui, prestes a me formar em Pedagogia no IFRS Campus Bento Gonçalves - uma instituição pública muito reconhecida; eu lembro de um menino que na infância chegou a pensar em suicídio para fugir da vida que vivia.

O perigo é justamente esse, tornar esse momento mais emocional do que analítico, pois conforme os estudos sobre o método autobiográfico compreendo que há uma linha muito tênue entre um simples contar de histórias e reconhecer a trajetória de vida como um elemento de formação na medida em que muitas experiências vividas já vinham me forjando um futuro educador sem ao mesmo eu perceber. Essa

é a chamada tomada de consciência sobre o método que Nóvoa e Finger (2014) falam quanto a epistemologia do método. Acho importante ressaltar esses autores abordam sobre entender que essa análise no método biográfico está inserida num dado contexto sociopolítico e cultural. Os autores afirmam que:

só por meio dessa estratégia, é possível mostrar de que forma os fatores sociais, políticos e culturais marcaram a história de vida de cada um e clarificar de que modo a confrontação da pessoa com esses fatores é constitutiva de uma formação sociopolítica, frequentemente depreciada até os dias de hoje. (NÓVOA; FINGER, p. 24, 20014).

Por isso a Pedagogia foi um divisor de águas para mim, pois foi através de toda a etapa de formação que tive até aqui que consegui perceber e entender que minhas experiências de trabalho na infância, minhas andanças pela rua, meu processo formativo na EJA, as aulas particulares que dei quando estava no ensino médio vinham me dando uma base para conectar tudo com o que o ensino superior me ofertou para me preparar para a docência. Ela fez eu me perceber um sujeito social e político, capaz de usar essas experiências ou reconhecê-las nas concepções, teorias e práticas que a Pedagogia me proporcionou estudar e vivenciar.

2.3.1. A escola da vida: Infância e trabalho

Acredito que seja interessante situar um pouco do contexto que vivi na infância para que se compreenda adiante a relação que faço com a minha formação docente. Sou natural de São Luís - MA, nasci num bairro da Zona Rural chamado Vila Colliêr – Pedrinhas, sem muitos acessos a educação, saúde, saneamento e tudo de mais básico para se viver. Minha família é numerosa e de renda muito baixa. Logo que nasci fui deixado sob os cuidados de uma tia que não tinha filhos, mas assim que os teve passou a me tratar de forma bem diferenciada dos filhos biológicos.

Nossa renda e alimentação vinham do comércio que ela fazia produzindo “suquinho³”, das pescarias com meus tios, das sobras (carcaças e cabeças de boi) de um matadouro perto de casa, entre outras. Acontece que a venda dos suquinhos e a coleta das cabeças de boi eram uma tarefa minha, eu também tinha que ir para a feira

³ Também chamado de sacolé, geladinho ou picolé caseiro.

vender o que conseguíamos produzir nas roças como macaxeira e frutas. Eu tinha que ir por que não tinha opção, era trabalho infantil mesmo, ou seja, tive a minha infância roubada pois tinha que sobreviver. Essa consciência eu tenho hoje dada a trajetória que percorri, mas acredito que provavelmente as pessoas que causaram isso não tenham a mesma consciência.

Halbwachs (1990) fala sobre essa noção de projeção da vida adulta que a sociedade coloca muitas vezes sobre a infância, como forma de preparar para a vida adulta. Segundo o autor:

é a sombra que projeta sobre a infância a sociedade dos adultos. e mesmo mais do que uma sombra, uma vez que a criança pode ser chamada a tomar sua parte em cuidados e responsabilidades cujo peso recai de ordinário sobre ombros mais fortes que os seus; e que ela é, pelo menos temporariamente e por uma parte de si mesma, colocada dentro do grupo daqueles que são mais velhos do que ela. É por isso que que dizemos algumas vezes de alguns homens que eles não tiveram infância, por que a necessidade de ganhar seu pão, impondo-se a eles muito cedo, forçou-os a entrar nos domínios da sociedade onde os homens lutam pela vida, enquanto que a maioria das crianças nem sabem que essas regiões existem.” (HALBWACHS, 1990, p. 42).

Não vou dizer que não brinquei e nem tenho boas lembranças da infância. Lembro bem, pois a diversão muitas vezes implicava em problemas em casa, pois a vida dura que levava não permitia o luxo do entretenimento. Contudo, as experiências de trabalho na infância que vivi me proporcionaram aprendizagens significativas - os saberes empíricos, que ao chegar no ensino superior eu compreendi na dimensão do conhecimento científico. Afirmando isso com uma certa tensão de que achem que estou defendendo o trabalho infantil, de forma alguma e muito pelo contrário, pois os traumas e prejuízos disso eu vivo até hoje. O que estou falando se refere ao trabalho como uma atividade inerente ao ser humano. Esse conceito está relacionado à dimensão ontológica do trabalho, ou seja, a noção de que o trabalho é uma atividade humana, ou conforme Saviani (2012, p.25) “o trabalho é, pois, a essência humana”. Ele está relacionado a nossa necessidade de “manusear” a natureza e surge com a humanidade.

Também percebo a ideia de trabalho como princípio educativo, embasado no pensamento de Marx e Gramsci (SAVIANI, 2012), em que o trabalho proporciona aprendizagens. Isso porque mesmo sem ir para a escola eu tinha noções de

alfabetização - eu lia e escrevia um pouco, também aprendi a fazer cálculos básicos e reconhecia o letreiro do ônibus que eu precisava para voltar para casa. Talvez pelo fato de que eu precisava estar muito atento ao troco das vendas de “suquinho”; e porque sempre pegava o mesmo ônibus azul (com formato que guardei bem na memória: duas portas e duas fileiras de assentos), além da sequência das letras em caixa alta (P-I-Ç-A-R-R-A) e com numeração 005. Essa capacidade de ler a minha realidade dialoga com a concepção freiriana (1989) sobre a leitura de mundo que já debati antes, em que ler a sua realidade precede a leitura da palavra e que nossas experiências desde muito cedo nos ajudam no nosso processo educativo mais tarde na escola.

Andrade et al (2017) fazem uma análise sobre o desenvolvimento da escrita e destacam os estudos de Carol Chomsky (1970) e o de Charles Read (1971),

em que as escritas espontâneas das crianças revelaram que elas construíam conhecimento sobre as relações letra-som e faziam generalizações sem instrução explícita. Todos esses trabalhos contribuíram para a conceituação da aquisição da escrita como um processo de desenvolvimento. Eles ressaltam a importância pedagógica de se trazer à luz o conhecimento sobre a leitura-escrita prévio à escolarização e a importância das relações grafema-fonema, bem como a relevância da atenção a estas no ensino.

Isso poderia explicar o fato de eu conseguir reconhecer letras, algumas palavras e fazer cálculos básicos sem ter ido à escola, e torno a dizer, está muito relacionado a minha leitura de mundo, por isso busquei valorizar essa concepção nas minhas experiências de estágios em que procurei instigar as crianças a partir de seus conhecimentos prévios. Na minha trajetória de vida essas experiências me deram um grande alicerce quanto aos métodos e as práticas de alfabetização que estudei na graduação, onde pude me perceber dentro um processo que Freire (1996) já defendia de que a criança não é uma tábula rasa e muito menos um banco para armazenar dados mecanicamente.

Aos sete anos de idade decidi sair de casa e fui viver na rua. Sobrevivi por oito anos na rua, e sabia que precisava trabalhar para sobreviver na rua, desde limpar quintais em troca de alguns centavos até construir uma cabana de palha na mata para me abrigar por um tempo. Considerando também o conceito de trabalho como “atividade coordenada de caráter físico ou intelectual, necessária a qualquer tarefa,

serviço ou empreendimento” (ALBORNOZ, p. 9, 2004) relembro que trabalhei também como vendedor de pão em uma bicicleta circulando pelos bairros - que era comum em São Luís.

Durante todo esse período não tive qualquer auxílio ou assistência de órgãos públicos e me distanciei totalmente da escola. “A rua era minha escola” e as pessoas que me “ajudavam” eram aquelas que me ofertavam trabalho, além de um rapaz muito importante na minha vida que todos chamavam de Melk. Ele era filho de uma traficante da região e era com quem eu brincava pelas ruas. Muitas vezes ele me escondia debaixo da cama dele e dividia a comida dele comigo, escondido da sua mãe. O mais marcante dessa relação de amizade verdadeira era que ele, apesar de ser criança, já tinha uma noção do mundo perigoso que vivia e sempre me dizia “nequinho, tu é esperto, vai estudar pra tu não cair nessa vida de drogas (...) isso aqui não é pra ti, tu é inteligente e tem que estudar e trabalhar pra fazer diferente do que esse povo diz que tu vai ser, um traficante que vai morrer em Pedrinhas⁴”. Infelizmente essa fala muitas vezes veio da minha própria família, que por algum motivo que tento muito entender até hoje, me tratava com tanto desprezo.

Acredito que por ser um bairro muito a margem da sociedade e do poder público (tanto que até hoje não tem as ruas asfaltadas, escola, posto de saúde, saneamento) e com pessoas que vivem sob uma perspectiva de “não se envolver na vida alheia” eu não recebi nenhum amparo de algum órgão social, como conselho tutelar, por exemplo. Mas me lembro que recebia muito conselho das pessoas mais velhas para estudar, pois a educação poderia mudar minha situação. Eu percebia que algumas pessoas “tinham pena” de mim, mas mal davam conta de sobreviver com suas famílias, não poderiam me oferecer muito também.

Mas eu tinha o Melk. Com ele (assim como muitas outras pessoas) íamos quase todos os dias para o portão da penitenciária de Pedrinhas para uma fila para

⁴ Pedrinhas é um complexo penitenciário muito próximo do bairro que nasci e é um presídio marcado pelo alto índice de violência e rebeliões – muitas delas eu presenciava por viver em seu entorno. Naquela época o complexo era formado pela CCPJ (Central de Presos de Justiça), Centro de Triagem e a Delegacia de Polícia Civil. Hoje a delegacia não está mais no mesmo local, porém possui também o Complexo Feminino, o Centro de Detenção Provisória e a Unidade Prisional de Segurança Máxima.

ganharmos comida – era um programa assistencial que fornecia bandecos⁵ no almoço e janta para familiares de detentos que viviam no entorno do presídio. Geralmente no almoço, os agentes penitenciários ou policiais – quando eu ficava próximo da delegacia; me davam ou sobras ou bandecos fechados e eu comia ali mesmo junto deles. Ouvi muitos conselhos deles de que nós tínhamos que estudar e não entrar para a vida do crime para ir parar ali. Esses conselhos sempre me davam uma certa autoestima de que pelo menos alguém não nos via como bandidos em potencial e sem opção, mas era só isso, não me perguntavam sobre família, casa etc.

Meu coração chora amargamente por que infelizmente o meu amigo/irmão Melk não seguiu o mesmo caminho. Ele seguiu os passos da mãe e entrou para a criminalidade e se tornou um líder de facção de alta periculosidade na cidade. Foi preso algumas vezes e não voltou após um indulto de natal e era muito temido na cidade. Então após um período de fuga da polícia ele perdeu a vida num cerco policial nesse mesmo bairro de Pedrinhas, numa vila chamada Mangue Seco, isso há três dias do meu casamento e próximo da chácara onde me casei. Foi uma dor terrível e que me fere até hoje.

Mas fico também com as boas lembranças. Jamais vou esquecer do dia que o encontrei depois de ter vindo para Caxias do Sul a trabalho e voltei para São Luís para meu noivado quando o encontrei, isso ocorreu em 2014. Eu o vi de longe com um bando, todos armados e com colete a prova de balas. Quando ele me viu, dispensou o bando para irem adiante e deu suas armas para um dos rapazes, ele me abraçou surpreso e disse “nequinho, tu tá vivo! Achei que tu tinha morrido... a tua vida era muito mais difícil que a minha e tu tá aqui e bem!!!”. Essa conversa foi muito emocionante, pois relembramos um pouco do passado. Eu frequento uma igreja cristã e pedi para ele deixar aquela vida de crime e correr atrás do tempo perdido, ir estudar, desenvolver uma profissão. A formação que eu tinha até então, já com o ensino médio concluído e trabalhando em outra cidade do país já me davam a noção do quanto a educação é um fator de transformação social e de como o contexto pode interferir em nossas escolhas, que esse contexto pode ser mudado e redimensionados e eu me

⁵ Aqui no Rio Grande do Sul é chamada de vianda. Eram marmitas feitas no presídio e distribuídas para as famílias dos detentos.

percebia assim. Eu tentei convencer ele a perceber isso, que poderia mudar também, mas ouvi dele que já não tinha volta, que ele já estava muito envolvido e não tinha mais como sair. Mesmo assim eu disse que ele ainda tinha tempo, mas esse tempo foi só de mais um ano. Não tornei a ver ele, somente nos jornais noticiando sua morte.

Aquele encontro foi um retrato de opostos, de como as nossas escolhas interferem e mudam radicalmente a nossa vida: ele escolheu uma vida marginal, que eu não julgo por saber tudo o que passamos e entender que foi o legado que ele recebeu, mas que trouxe consequências muito tristes, e eu escolhi a educação, trabalhar de forma honesta, uma nova vida, escolhi ter uma voz na sociedade que pode ser ouvida e não silenciada e de forma violenta como a dele foi.

2.3.2. Adolescência e a EJA: Uma pedagoga, um novo conceito de família, um novo rumo

Durante o tempo em que vivi na rua por duas vezes me acolheram e eu tive um colchão para dormir. Na primeira vez, eu trabalhava vendendo pão na bicicleta e chegava bem cedo na padaria, algumas vezes até dormia escondido já na madrugada no terraço da padaria, até que um dia o padeiro me viu ali e me colocou contra a parede – ele queria conversar com meus pais, mas eu não disse que vivia nas ruas. Então tive que contar a verdade para ele, então sua esposa arrumou um colchão e colocou numa dispensa onde eu passei a dormir, quando recebia “meu salário” entregava tudo para ela comprar roupas para mim. Eu tinha 12 anos nesse período. Até que aos 15 anos de idade fiz amizade com um filho de um pastor e uma pedagoga. Eu ia para a igreja, mas me envergonhava de não ter nada, e o pior não saber ler bem a Bíblia. Mas foi através dessa amizade que o pastor e a pedagoga tornaram minha família. Eles me tiraram da rua e colocaram em sua casa para viver com seus quatro filhos. Ela se tornou minha mãe, me matriculou na Unidade Integrada Profº José Gonçalves do Amaral Raposo e isso me trouxe uma humanidade que até então eu não conhecia.

No “Amaral Raposo” fiz a chamada Aceleração⁶ para corrigir o atraso escolar. No início realizei algumas atividades, testes de conhecimento para avançar de nível e dentro de um mês fui classificado para a 3ª e 4ª série, o ano era 2003. Fiquei apenas um ano nesta escola, mas foi um ano de muitas aprendizagens. Desenvolvi a alfabetização e foi como se tivesse acordado para o mundo do conhecimento. Lembro que a professora era incrível e não media esforços para ensinar, apesar de sua metodologia um pouco autoritária às vezes. Outra lembrança que me chama atenção hoje é a de que eu era o único estudante com menos de 37 anos na turma, por isso ficava meio retraído, além de que eu tinha recém-saído da rua, mas fui muito bem recebido e todos me ajudaram bastante. A escola tinha momentos de educação física e reforço ao mesmo tempo e cada estudante optava para onde ir. Na maioria das vezes eu preferia o reforço para tentar melhorar meu rendimento escolar. Depois desse ano, minha nova família precisou se mudar para o outro lado da cidade, para um povoado chamado Santa Bárbara. Lá, na avenida principal, nº 300, lembro bem, tem uma escola chamada Unidade de Educação Básica Evandro Bessa. Foi lá que continuei minha trajetória escolar na EJA.

Nas aulas desenvolvi e melhorei a habilidade da escrita e aperfeiçoei a leitura. As metodologias adotadas por minhas professoras envolviam o uso do livro didático da EJA e livros de alfabetização para crianças, pois não havia muitos materiais disponíveis para essa modalidade. Mas eu percebia o esforço e empenho das professoras em suas metodologias para que as aulas fossem contextuais e significativas, porém, elas se limitavam devido à falta de recursos para trabalhar, problemas com infraestrutura, como iluminação precária, por exemplo. Lembro muito bem dos incentivos das professoras em nos estimular a não desistir – que aquela etapa era um caminho e que poderíamos chegar mais longe (no ensino superior e ter uma mente aberta para fazer escolhas críticas, o que dialoga muito com Freire). Hoje eu estou quase me formando em Licenciatura em Pedagogia no Instituto Federal, ou seja, valeu muito a pena. Por isso eu valorizo muito a EJA, pois ela foi muito importante

⁶ Termo atribuído ao programa instituído em 1997 pelo MEC que visa corrigir a distorção do fluxo escolar, ou seja, a defasagem entre a idade e a série que o estudante deveria estar cursando. Retirado de: Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. Disponível em www.educabrasil.com.br/aceleracao-de-aprendizagem/>. Acesso em 28 de dez de 2021.

para eu chegar até aqui.

Outra memória que considero bem importante na minha trajetória de formação docente, além dessas professoras inspiradoras, foi um período em que eu dei aulas particulares de matemática durante o ensino médio - que cursei regularmente, mas no noturno para trabalhar durante o dia, pois a necessidade do trabalho como atividade profissional ficou intrínseca em mim desde a infância e eu sentia que precisava ajudar minha nova família mesmo que eles não me pedissem nada em troca. Eu percebi que tinha uma boa habilidade com os conceitos matemáticos e adorava auxiliar colegas e crianças do meu bairro que tinham dificuldades. Eu traçava um plano de ensino, mas antes fazia uma sondagem para entender quais eram as dificuldades da pessoa, depois fazia um cronograma de aulas e me esforçava ao máximo para ajudar a pessoa a aprender os conceitos. Muitas vezes eu usava o que tinha a disposição e que era usual de cada um, como por exemplo, quando usava castanhas de caju como forma de materializar e demonstrar quantidade, porcentagem resolução de problemas, frações. Eu usava castanhas e também as petecas (bolinhas de gude) que a gente brincava por ser algo que eles reconheciam e poderiam visualizar o problema de maneira mais eficaz. Dividíamos as castanhas e aproveitava para demonstrar as operações básicas, jogávamos e eu aproveitava para exemplificar um conceito matemático.

Outra forma bem eficaz que utilizava nesse período era que instigar as crianças a pensar em diferentes formas de ver um problema matemático, por exemplo, eu usava daquilo que aprendi na rua vendendo suquinho, fazia decomposição dos números para facilitar um cálculo e chegar ao resultado. Claro que nem tudo funcionava para todos de forma igual e eu já percebia algo que vim reconhecer na Pedagogia sobre os diferentes ritmos de aprendizagens, então, para os que tinham mais dificuldade eu reserva horas a mais do tempo que dava as aulas e fazia uma espécie de intensivo, propunha jogos e desafios para que pudessem desenvolver as aprendizagens também, escrevia na areia como brincadeira e explicava que era brincando que a gente ia aprender mais.

2.3.3. IFRS BG: Licenciatura em Pedagogia e os desafios futuros

Me casei em 2015 com uma professora de Arte. Ela também é uma inspiração para mim, pois a vejo constantemente buscando melhorar seu fazer pedagógico e estudando para oferecer o melhor aos seus alunos. Por vezes fui “cobaia” dela em experimentos para ver se tal metodologia, atividade, proposta pedagógica poderiam funcionar como ela havia planejado. Foi com o apoio e parceria dela que viemos de Caxias do Sul (onde já estávamos nos estabilizando), para Bento Gonçalves para cursar Pedagogia juntos no IFRS. Juntos realizamos e construímos vários projetos e atividades que me permitiram experimentar um pouco da prática pedagógica tão importante nesse processo formativo.

Na formação em Pedagogia no IFRS eu revivi e experimentei situações de grande valia e aprendizagem para essa formação, em especial aos que tratavam da EJA por minha formação básica vir dela e os estágios que me permitiram entrar na sala de aula como docente, enquanto que eu não pude viver ela como estudante lá na infância. Algumas vezes tive muitas dificuldades, principalmente com as leituras de textos acadêmicos por eu carregar as marcas do atraso de 15 anos sem estar na escola, principalmente nos primeiros anos na etapa de alfabetização. Lembro que durante um período tive um maravilhoso e essencial acompanhamento de uma professora da instituição que aceitou me dar umas aulas extras de “leitura acadêmica”, como um reforço para que eu conseguisse minimizar a dificuldade de leitura de textos mais complexos e pudesse melhorar também minha escrita em gêneros textuais diversos, de textos acadêmicos. Isso me ajudou imensamente na construção dos projetos, relatórios de estágios e neste artigo, por exemplo.

Obviamente cada componente contribuiu muito para minha formação, e eu busquei ser o mais participativo possível, sempre pedi a vez para falar, até demais acredito. Eles já se constituem uma memória, que por sua vez, se constitui um elemento da minha trajetória de vida e obviamente da minha formação docente. Mas destaco algumas memórias por serem um diálogo claro com o meu passado mais difícil, mas que percebo o quanto são ricas de aprendizagens. Por exemplo: nos dois componentes de Teoria e Prática do Ensino da Matemática no IFRS, me senti super protagonista quando a professora que ministrou os componentes apresentou uma

proposta que muito dialoga com o que eu fazia, uma proposta pautada na concepção freiriana (1996) que estimula o estudante a pensar em diversas formas de resolver um problema matemático que não simplesmente uma fórmula decorada; além dos componentes sobre EJA, que foi a minha realidade escolar.

Em meio a tantas memórias que não são só minhas, pois como afirma Halbwachs (1990), são memórias coletivas pois envolvem o outro e pertencem também ao outro, foram essas que escolhi ou que me marcaram diante da minha reflexão de como estou me formando docente. Por isso reconheço que minha formação precede o ingresso no ensino superior, ela está alicerçada na minha infância difícil, nas minhas experiências de trabalho, na minha maravilhosa passagem pela EJA e obviamente está balizada em toda carga e referencial teórico e de práticas que desenvolvi na graduação. A minha trajetória de vida e trajetória docente se traduz como um encontro dos saberes empíricos, populares com os saberes científicos que tanto debatemos na formação docente em nível de graduação, e eu fico imensamente feliz em conseguir perceber isso, pois me dá uma noção de que o caminho ainda é longo para ser seguido, pois como os estudos apontaram (FREIRE, 1996; TEIXEIRA, 2003; BRANDÃO, 2008; PASSEGGI, 2011 CUNHA, 2017), a prática docente é uma grande escola para o professor, em sua práxis ele vivência tudo o que se dedicou e se dedica a estudar, por isso é muito importante a formação continuada.

3. A FORMAÇÃO DOCENTE E A EMERGÊNCIA POR POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO

Até aqui fiz toda uma análise da minha formação docente alinhada com a minha própria trajetória de vida. Mas pensar através do método autobiográfico requer uma reflexão sobre o passo seguinte à graduação, como já mencionei, a própria prática docente também ajuda na formação do educador. Contudo, essa é uma questão que tem a ver com políticas públicas voltadas para a formação continuada, de incentivo e oferta de cursos, capacitações, distribuição de recursos. Ou seja, é uma questão que vai além do professor somente.

Por isso, a formação docente é objeto constante de debate dada a sua

importância para a sociedade. Não é à toa que nos debates políticos as propostas sobre a educação muitas vezes geram polêmicas, a exemplo disso temos a nova Base Nacional Comum Curricular que foi implementada de forma bastante vertical e desconsidera aspectos importantes da estrutura social, geográfica, cultural, econômica do Brasil, como por exemplo, a inserção de forma bem significativa da tecnologia na educação - que é ótima proposta, mas precisa de todo um cuidado para sua implementação, pois se analisarmos bem a realidade de muitas escolas, vamos observar que muitas não têm sequer sala de aula que dirá laboratório de informática.

Por isso para compreender a formação docente é necessária uma retrospectiva histórica sobre a formação de professores, considerando aspectos políticos e econômicos do Brasil e do mundo, pois são esses fatores que influenciam na constante transformação da educação, o que interfere nas questões da formação docente. Além de outros fatores da própria docência: currículo, didática, metodologias, entre outros. Além disso, há os fatores relativos aos próprios docentes, suas histórias de vida, suas crenças, suas ideologias, o chamado currículo oculto. Afinal, autores como Paulo Freire (1996) defendem que os aspectos externos e subjetivos, tanto do educando quanto do educador, são importantes no processo educativo. Por isso, para tratar da formação docente vamos abordar um conceito relativamente controverso nos últimos anos: a profissionalização docente.

A Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 trata no Capítulo VI dos Profissionais da Educação. No artigo 61 da LDB, mais especificamente no parágrafo único, são abordados os fundamentos para a formação de professores, em que eu destaco a importância dos estágios para a formação docente. No meu caso, foram experiências riquíssimas que me agregaram um valor único não só pela experimentação da prática docente, mas também por adentrar o ambiente escolar como docente em construção visto que eu não tive essa possibilidade como estudante. Chamo atenção para a importância da teoria e da prática caminharem juntas, pois essa trajetória deve fazer esse diálogo, por isso a importância também do chamado tripé acadêmico: ensino, pesquisa e extensão. Nele, o conhecimento mobilizado dentro das instituições de ensino transita entre a busca por teorias, concepções e saberes e se estende para fora do meio acadêmico, visa formar e transformar a sociedade.

3.1. A profissionalização e os saberes da docência

Em uma interessante análise sobre a profissionalização dos professores, Puentes, Aquino e Neto (2009) afirmam que as mudanças e reformas que acontecem na educação partem da premissa de que a educação não cumpre o seu papel e que a escola, em especial os professores, não estão devidamente habilitados ou capacitados para o trabalho docente. Essa é uma forma que a sociedade encontrou para culpabilizar a escola e os profissionais da educação pelo fracasso escolar. O que não quer dizer que o professor está eximido de qualquer responsabilidade, na verdade penso que essas divisões só prejudicam mais e dividem muita opinião, porém penso que essa polarização atende certos interesses políticos de determinados grupos da nossa sociedade.

Tardif (2000) destaca os saberes (conhecimentos, competências, habilidades) que os docentes utilizam efetivamente em seu trabalho diário para desempenhar suas tarefas e atingir seus objetivos. Em sua análise, o autor defende que a docência não é como outras profissões, ela é objetiva, mas lida com diversas subjetividades. Ela não pode perder algo que é essencial que é a percepção de humanidade com outro, senão ela corre o risco de tratar os envolvidos como objetos - que é uma das críticas de Freire (1996) em sua Pedagogia da Autonomia, de que ensinar tem uma série de exigências que vão desde a rigurosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, tomada de consciência de decisões, querer bem os educandos, entre outros. Debates bastante durante a graduação sobre a importância do nosso fazer pedagógico levar em consideração as histórias de vida das crianças. Freire (1989) defende que a criança não chega na escola vazia de conhecimento, pelo contrário, ela chega na escola com uma trajetória de vida, com capacidade para ler o mundo. Todas essas experiências devem ser somadas aos processos que envolvem sua formação escolar, pois assim a aprendizagem se torna contextual e muito mais significativa para o educando. Essa mesma perspectiva perpassa a formação docente, pois essa formação não se dá somente no tripé acadêmico de ensino, pesquisa e extensão. Vai muito além, e toca nas vivências individuais e coletivas dos sujeitos em formação e estão intrínsecas nesse tripé.

A LBD, em seu Art. 1º, define:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Ou seja, quando escolhemos a docência, já levamos conosco toda uma carga de saberes acumulados de nossas vivências, a escola e a universidade precisam considerar esses saberes durante nossa formação. Por isso, Rubem Alves (2013) é pontual em sua colocação em Lições do Velho Professor ao alertar que as instituições que formam os educadores não podem ser gaiolas, mas proporcionar a experiência do voo, que as escolas e universidades devem ser asas para proporcionar aos educandos meios para voar pelos conhecimentos de forma crítica e reflexiva e não fortalecer o sistema engessado e fechado do método tradicional de ensino. Na verdade, ele é ainda mais enfático, ele diz que o conhecimento deve ser o próprio voo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pergunta se passou pela minha cabeça durante essa escrita: por que é importante contar a minha história? Essa questão está relacionada com o método que optei por estudar e utilizar para finalizar uma etapa bem importante da formação docente que é a etapa da graduação. Eu falo em “etapa” porque venho debatendo que o docente não se forma somente na graduação, os estudos apontaram para isso e me fizeram reconhecer a dimensão do meu protagonismo nessa construção do docente.

Contudo, o método também aponta em direção a formação continuada e isso me dá a percepção de que não cabe somente trajetória de vida somado a saber científico para a educação atingir seu objetivo de formação plena do sujeito, é emergente que há necessidade de políticas públicas que deem ao docente muito mais subsídios para sua prática manter-se atualizada, humanizada, política, etc., além de investimentos, recursos e tudo mais que possa favorecer o trabalho do professor e sua dimensão crítica para desenvolver o seu trabalho. Sou muito grato que a graduação me deu uma base muito sólida para refletir sobre essas questões, por isso essa escrita sobre minha própria trajetória culmina num processo que começou de

forma muito amarga, mas com muitas aprendizagens.

Quando construí um memorial em um dos componentes da Pedagogia meus olhos brilharam para algo que eu sempre quis: contar minha trajetória de vida e como as experiências que vivi me trouxeram a caminhos que lá na infância parecia impossível. Essas experiências ficaram registradas na minha memória, mas também na memória daqueles que pude visitar ao longo dessa jornada, pois ela é coletiva e nos constitui seres sociais e culturais. Cada uma dessas memórias contribui para a minha formação na medida em que elas contextualizam em muito os saberes científicos e as concepções pedagógicas que nos debruçamos a estudar na graduação.

Então entendo que é importante eu contar a minha história por que eu sou protagonista da minha construção docente, mas ela não se fez de forma isolada, ela é um encontro de pessoas, concepções, memórias, processos, etc. Porque a minha trajetória de vida se transformou e está se transformando em minha trajetória docente. Reconheço os processos sociais, cognitivos, políticos, culturais que envolvem essa trajetória a partir de chamada tomada de consciência que Nóvoa e Finger apontam (2014) e acredito que pautada na “curiosidade epistemológica” que Freire (1996), pois hoje eu concebo a educação como uma libertação e como algo que me inseriu na sociedade que antes eu estava à margem, que me deu voz e vez e que me abre um leque muito grande para o futuro que eu ainda vou percorrer com muita vontade sem perder essas raízes que me tornam quem sou.

Ao olhar para trás percebo que essa formação vem ocorrendo desde a minha infância, quando apesar das grandes dificuldades eu me permiti ler o mundo a minha volta e perceber possibilidades para além de uma vida dura e miserável; quando eu aprendi a ler e calcular ainda que de forma extremamente limitada mas o suficiente para sobreviver ao trabalho infantil e fugir daquele que seria o meu destino – um marginal preso ou morto aos 18 anos; quando eu resolvi ouvir os conselhos e quando uma família deu novo significado para essa palavra me mostrou os caminhos da educação; quando eu me vi o único adolescente em meio a pessoas mais velhas na EJA correndo atrás do prejuízo e tentando achar um lugar na sociedade através da cidadania que a educação proporciona; quando eu vi professores com o mínimo para

dar aulas se esforçando todas as noites para que suas aulas que fossem contextuais e significativas em meio a tanto descaso com a educação – eles vieram junto comigo me cada experiência a pedagogia me proporcionou, pois são minha inspiração também; quando eu passei a chamar uma pedagoga de mãe e depois quando me casei com uma professora – o que impulsionou na minha escolha pela docência em ver também através delas como essa formação é humanizadora e transformadora.

Eu percebi que tudo o que somei ao longo da minha vida pode dialogar com tudo o que a academia proporciona, um diálogo de saberes. Penso ser importante destacar também que caberia outro artigo somente sobre o período da graduação, pois na pedagogia eu também encontrei professores inspiradores que me ajudaram e ajudam muito na formação do docente que sou e serei. Cada experiência, cada memória se traduz em grandes aprendizados e em grandes perspectivas para um futuro desafiador e rico de possibilidades que a educação me proporciona e proporcionará.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

ALVES, Rubem Azevedo. **Lições do velho professor**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

ANDRADE, Paulo Estevão; ANDRADE, Olga Valéria Campana dos Anjos; e PRADO, Paulo Sérgio T. do. Psicogênese da língua escrita: uma análise necessária. In: **Cadernos de Pesquisa [online]**. 2017, v. 47, n. 166 [Acessado 28 dez. 2021], pp. 1416-1439. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053144361>>. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/198053144361>.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordini. Memória (auto) biográfica como prática de formação. In: **Revista Ambiente Educação** – Volume 1, nº 1, jan-jul, 2008, São Paulo. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/vera.pdf>. Acesso: 15 de ago. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação / MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 15 de ago. de 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2019.** Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <http://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo/da-educacao-superior-resultados>. Acesso em 06 de ago. de 2021.

CUNHA; Maria Amália Almeida. NUNES; Célia Maria Fernandes. As biografias educativas como fonte de pesquisa e estudo no campo da formação docente: notas iniciais para uma discussão teórico/metodológica. In: **Revista Thema | Volume 14 | Nº 2 | Pág. 9 a 13 | 2017.** Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.9-13.489>. Acesso em 26 de dez. de 2021.

FINGER, Matthias. As implicações socioepistemológicas do método biográfico. In: **O método (auto)biográfico e a formação.** Organizadores António Nóvoa, Mathias Finger. Trad. Marla Nóvoa. - 2 ed. - Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. 23.ed. São Paulo. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Paulo Freire - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice / Revista dos Tribunais, 1990.

NÓVOA, António. FINGER, Matthias. Introdução. In: **O método (auto)biográfico e a formação.** Organizadores António Nóvoa, Mathias Finger. Trad. Marla Nóvoa. - 2 ed. - Natal, RN: EDUFRN, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição. SOUZA, Elizeu Clementino de. VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista [online].** 2011, v. 27, n. 1 [Acessado 25 Julho 2021], pp. 369-386. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102->

46982011000100017>. Epub 01 Jun 2011. ISSN 1982-6621.
<https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>.

PUENTES, Roberto Valdés; AQUINO, Orlando Fernández; NETO, Armindo Quillici. Profissionalização dos professores: conhecimentos, saberes e competências necessários à docência. In: **Educar, Curitiba, n. 34, p. 169-184**, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/W8zSkmsQGRnYTvPJhXCR5Hc/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 28 de dez. de 2021

SAVIANI, Demerval. Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. In DUARTE, Newton (org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. 2.ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOARES, L. C. F.; MENEZES, C. M. A.; FREIRE, J. L.O. As histórias de vida na profissão docente: uma contribuição para a História da Educação, Itinerâncias formativas e o autoconhecimento. In: **Educação: Teoria e Prática/** Rio Claro, SP/ Vol. 26, n.53/ p. 428-444/ SETEMBRO-DEZEMBRO. 2016.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Jan-Abr, nº 13 (3): 5-24, 2000.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP [online]**. 2003, v. 14, n. 1 [Acessado 15 Agosto 2021], pp. 37-64. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100004>>. Epub 03 Nov 2003. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100004>.

ANEXOS

ÔNIBUS DO MEU BAIRRO NA INFÂNCIA



Arquivo: Fortalbus. Marcadores: Taguatur, Urbanos MA. Disponível em:
<http://fbusdesenhos.blogspot.com/2012/09/taguatur-34011.html>

ESCOLA AMARAL RAPOSO



Arquivo: Blog Neto Ferreira.

ESCOLA EVANDRO BESSA VISTA PELO GOOGLE MAPS



Arquivo: Google Maps.



Da esquerda para a direita: eu de branco com meus irmãos biológicos; eu na sala de aula do Estágio I (Ed. Infantil).
Arquivo Pessoal.